



Foto: Freemages, Ruth Elkin

No *como* ensinamos é que está a chave

• Cristina Bastos

Associação Portuguesa dos Professores de Inglês

“With languages you are at home anywhere”. Uma expressão de Edmund De Waal, que Cristina Bastos cita, realçando assim a importância da aprendizagem do inglês.

Uma intervenção – de que aqui publicamos breve súmula – em que falou de múltiplas outras questões. Da complexidade do ensinar ao que ajuda os alunos a aprender, passando pelas competências para o século XXI, ou ainda a avaliação. Para terminar com uma abordagem mais centrada no ensino do Inglês.

Entre o ensinar e o aprender

O *Ensinar* envolve toda uma plêiade de elementos: o quê, o porquê, o como, a quem se ensina, a seleção de estratégias adequadas, analisar e avaliar o que se

ensinou, reorientar as estratégias em função da avaliação. Um conjunto de *saberes*, que necessariamente passa pelo bom professor. Num documento de 2004, que mantém toda a sua atualidade, a OCDE destacava o que se pode considerar um bom professor: “(...) a investigação mostra que os bons professores precisam de possuir um entendimento conceitual e prático das matérias que ensinam (...), bem como o conhecimento e competências pedagógicas que permitam uma apresentação bem estruturada dos materiais, a motivação dos alunos, a avaliação do progresso dos alunos e um continuado ajustamento do ensino às necessidades individuais de cada aluno”.

Ou seja, um relevo fundamental vai para o modo como se ensina. É aí que “está a chave”, nas palavras de Cristina Bastos. Tarefa

indispensável mas que está longe de ser fácil. “Para os alunos que temos hoje, as fragilidades e instabilidade que temos em termos de orientações claras de programas, metas, currículo, avaliação, muitas vezes se torna difícil encontrar o caminho”.

Para o trilhar, será necessário compreender o que ajuda os alunos a aprender. Nessa perspetiva, Cristina Bastos refere o estudo realizado por uma professora em dois mega-agrupamentos do distrito do Porto, que juntou alunos e professores. E os resultados desse diálogo são interessantes. O que ajuda os alunos a aprender, nas palavras dos alunos: “o estudo, o empenho, a atenção, a leitura, o professor que interage com os alunos. Depois vem o *powerpoint*, as fichas. E ainda – o estar relacionado com a vida real. Os alunos aprendem com os

colegas.” Diversidade de metodologias é igualmente referida. Mas também os ajuda a aprender “o clima descontraído na sala de aula. A relação próxima com o professor. O silêncio na sala de aula. O professor que explica bem e as vezes necessárias. O professor que orienta no estudo. O acompanhamento na superação das dificuldades. E o humor”.

O avaliar

Avaliar tem muito a ver também com posicionamento político, frisa Cristina Bastos, reportando-se a um *blog* de uma professora. Há um, bem conhecido, posicionamento de elogio aos exames: “quanto mais exames melhor, os exames obrigam os alunos a estudar, preparam-nos para a dureza da vida, levam os professores a cumprir, moralizam o sistema, fazem-no subir de nível”. E, em contraponto, um outro posicionamento que defende que “o que importa é que os alunos aprendam. Os exames provocam uma ansiedade desnecessária, criam ou agravam desigualdades sociais”.

A verdadeira questão será “que fatores concorrem para a aprendizagem e, mais profundamente, que aprendizagem. Ou como é que a avaliação poderá ajudar à aprendizagem. Ou como a avaliação poderá validar ou certificar a aprendizagem”.

Nesta perspetiva, importa definir/compreender quais as suas funções e limitações.

E assim temos, como **funções**: No âmbito **pedagógico** - acompanhamento, evolução, regulação, intervenção. No âmbito **social** - validação/certificação, transição no percurso escolar, seleção e indicador para o sistema educativo.

Como **limitações**, ressaltam: Não avalia todas as aprendizagens; Procedimentos avaliativos sujeitos a condicionantes.

No fundo, o mais importante é que “toda a avaliação da aprendizagem deverá ser uma avaliação para a aprendizagem”.

Competências e valores

As competências para o século XXI devem constar do currículo de qualquer disciplina. E, naturalmente, também do Inglês.

No quadro dessas competências, destacam-se: “o pensamento crítico e a resolução de problemas, a comunicação, a capacidade de comunicar de forma simples e eficaz quer seja em Português quer seja em língua estrangeira, o trabalho em equipa e a criatividade e inovação”.

Estes são os desafios da sociedade atual e do futuro. Que envolvem igualmente uma educação para os valores. Cristina Bastos exemplifica: “a importância de desenvolverem empatia face ao outro e à cultura do outro. Vai além da tolerância. O conviver com o outro. E sabemos que o conhecimento de línguas – e neste caso do inglês – favorece o contacto e a convivência com o outro. Pela sua vocação universal”. Ou ainda, outro valor fundamental: “através do currículo, das práticas do professor, dos recursos utilizados, da apetência dos alunos – o descobrir, a curiosidade, o desejo de querer fazer mais, a pesquisa, a autonomia”.

Ensino de Inglês – –enquadramento legal e constrangimentos

Para o ensino de Inglês, existe um programa de 1996, metas recentes, um enquadramento legal também recente.

Mas, como sublinha Cristina Bastos, não basta existirem metas curriculares. É preciso haver literacia. Ou seja – citando Alvin Toffler – *os iletrados do século XXI não são aqueles que não sabem ler e escrever, são aqueles que não sabem aprender, desaprender e voltar a aprender*.

Ao nível dos constrangimentos, salienta, nomeadamente, uma carga horária reduzida e um número excessivo de alunos por turma. “No 8º e no 9º ano temos um bloco de 90 mm. Como é que

nós pomos os alunos a interagir – compreensão, compreensão escrita, compreensão oral, interação oral, produção oral, produção escrita? Como é que, numa turma de 30 alunos, pomos os alunos a interagir oralmente e a avaliar a sua interação?”

Acresce a ausência de um programa coeso. Em termos do currículo “devem ser claramente definidos os níveis do QECR com que os alunos finalizam a aprendizagem e, sobretudo, como são avaliados. O que não está a acontecer neste momento”.

Outros constrangimentos: a ausência da avaliação, da autoavaliação, nas metas, sobretudo nas metas de 1º ciclo. “Não temos nenhuma linha de orientação”.

Por último – a forma como a escola está organizada. Os espaços e os tempos deveriam estar estruturados em função das tarefas pedagógicas e do trabalho colaborativo.

“Os professores têm que se ocupar com tarefas mais pedagógicas”. E conclui referindo a necessidade de “um investimento na formação de professores”. ■

As **Metas Curriculares** de Inglês estão organizadas por:

- Domínios de referência;
 - Objetivos;
 - Descritores de desempenho.

DOMÍNIOS: definidos para cada ano (Compreensão, interação, expressão, tanto na oralidade, como na escrita).

Articulação entre 7 domínios de referência: Compreensão Oral/*Listening*; Leitura/*Reading*; Interação Oral/*Spoken Interaction*; Produção Oral/*Spoken Production*; Escrita/*Writing*; Domínio Intercultural/*Intercultural Domain* e Léxico e Gramática/*Lexis and Grammar*.